

IRACEMA E O ROMANTISMO

Fidelis Carbonera

Não há dúvida que o livro Iracema de José de Alencar seja sua obra prima. Até o crítico Machado de Assis foi da mesma opinião.

De fato, dizem os entendidos que é nitidamente prosa poética, um livro poesia esta Lenda do Ceará.

O autor, realmente, procurou trabalhar a linguagem, dando, não apenas sentido metafórico, mas até alegórico a tantas passagens.

No nosso modo de entender, é o livro que melhor caracteriza o Romantismo brasileiro, pois apresenta todas as características românticas.

O objetivo a que nos propomos, portanto, é comprovar, através de passagens desta maravilhosa obra, todas as características mais importantes do Romantismo (as mundiais e as específicas brasileiras).

CARACTERÍSTICAS ROMÂNTICAS EM IRACEMA

Como o Romantismo surgiu na Europa, na França, precisamente, algumas características não próprias do velho continente como o retorno à Idade Média, a religiosidade...; outras, são comuns, universais, como o subjetivismo, sentimentalismo, idealização...; e algumas são mais próprias do nosso continente, ou brasileiras, como o indianismo e ou nacionalismo, valorização da natureza, nossas terras, matas, aves, animais...

Iniciando pelas características mais comuns, tentaremos exemplificá-las com passagens da obra.

Subjetividade.

O subjetivismo do texto romântico não se caracteriza somente pelo culto do eu, mas também pela criação de uma história que, mesmo em 3ª pessoa, não deixa de ser subjetiva porque os fatos, personagens, comportamentos, lugares... são criações não existentes no mundo real, mas imaginações, fantasias, divagações, anseios do autor .

No livro Iracema, o índio criado por Alencar está longe de ser aquele que vivia nas matas brasileiras e que ainda não tinha visto o homem branco ("Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho,..." (cap. II) e "...de estranha raça e longes terras." (cap.III). A hospitalidade oferecida a Martim ("O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão" (cap. III) e "mas o hóspede de Tupã é sagrado; ninguém o ofenderá"; (cap. XI) pelo pajé, Araquém, não foi praticada por nenhum povo no longo da História.

Sentimentalismo

Em primeiro lugar, esta característica não está baseada na impressão que o leitor sente no curso da leitura, mas os estados de espírito que os personagens apresentam no transcorrer das ações.

O sentimentalismo está presente em toda a obra, desde os primeiros capítulos, principalmente no que diz respeito à personagem Iracema que sabe Martim ter outra, não acreditando que o que o protagonista sente é a saudade da pátria e não amor por outra moça.

Há frases em que o autor foi categórico:

"Sofreu mais d'alma que da ferida." (II cap .) . "O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. (idem)

No capítulo X, início, o autor apresenta o ciúme da ará que se vê substituída pelo guerreiro branco. No XIX, Martim abraça uma árvore:

"- Jatobá, que viste nascer meu irmão Poli, o estrangeiro te abraça"; para demonstrar, além do sentimento, a integração do homem com a natureza.

Evasão ou Escapismo .

O inglês Byron, com seu negativismo, transmitiu esse sentimento a vários escritores brasileiros inclusive ao Alencar que, no livro aqui em questão, apresentou nas suas formas mais variadas:

- Evasão no tempo histórico. Neste caso, o cavaleiro medieval foi substituído pelo índio que é um verdadeiro guerreiro, cavaleiro, respeitador, corajoso... Podemos citar Poti, Caubi, Araquém...

- Evasão na religião:

"O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe..." (II cap.). "O cristão repeliu do seio a virgem indiana. Ele não deixará o rasto da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não ver; e enche sua alma com o nome e a veneração de seu Deus: - Cristo !... Cristo! ..." (cap. XV).

Observa-se, na primeira parte desta passagem, a defesa da honra da dama , própria do cavaleiro medieval, além da religiosidade.

"Deviam ter ambos um só deus, como tinham um só coração". "Ele recebeu com o batismo o nome do santo, cujo era o dia." (cap. XXXIII).

- Evasão para a natureza. Embora o indígena já vivesse em perfeito contato com a natureza, buscava-a para repouso, refúgio.

"Um dia, ao pino sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite." (cap. II)

Todo o capítulo VI trata de uma evasão do casal protagonista.

- Evasão para os sonhos. Evadir-se para um mundo de sonhos, valorizar os sonhos é uma característica, principalmente dos poetas do mal do século.

Alencar apresenta o costume dos índios do uso de alucinógenos para se evadirem da realidade, em suas festas. Iracema deu esse licor a Martim duas vezes: primeiro no capítulo VI:

**"Apresentou ao guerreiro a taça agreste:
- Bebe!"**

No capítulo XV:

**"- A virgem de Tupã guarda os sonhos da jurema que são doces e saborosos !"
"... e ele já quer que o sonho já feche suas pálpebras, e que o sonho o leve à terra de seus irmãos !"**

E depois na cabana, neste mesmo capítulo, quando, numa linda comparação com a natureza, muito freqüentes na obra, ela entrega sua virgindade ao guerreiro, que divagava em seu sonho.

- Evasão para a morte. Iracema vivia angustiada porque achava que seu esposo tinha outra, lá longe, mais importante que ela, pois ele passava muito tempo triste, olhando o mar no horizonte, com saudade de sua terra; porque ele vivia muito só, pois Martim, juntamente com Poti, saía para guerrear e demorava muito tempo para voltar; porque ele já não sentia todo aquele amor, aquela atração por Iracema:

"Tornando, a recente mãe pousou a criança adormecida na rede de seu pai, viúva e solitária em meio da cabana; e deitou-se ao chão, na esteira onde repousava, desde que os braços do esposo se não tinham mais aberto para recebê-la." (cap.XXX).

Devido a essa angústia, tristeza, abandono, parou de se alimentar.

"A filha de Araquém sentiu afinal que suas veias se estancavam; e contudo o lábio amargo de tristeza recusava o alimento que devia restaurar-lhe as forças." (Cap.XXXI).

Iracema foi em busca da morte para se ver livre dos sofrimentos e deixar o esposo livre. Evadiu-se para a morte.

"- Quando teu filho deixar o seio de Iracema, ela morrerá, ... Então o guerreiro branco não terá mais quem o prenda na terra estrangeira." ... "Iracema é a folha escura que faz sombra em tua alma; deve cair, para que a alegria alumie seu seio." (cap. XXVIII).

Idealização

O mundo criado pelos românticos era um mundo irreal, um mundo de sonhos, envolto em uma história fantástica.

Era comum os escritores idealizarem o homem, criando-o perfeito física e psicologicamente, sem um defeito, possuidor de todas as qualidades positivas, quando protagonista.

"Mas nação alguma jamais vibrou o arco certo, como a grande nação potiguara; e Poti é o maior chefe, de quantos chefes empunharam a inúbia guerreira." (cap. XXIX)

Iracema é descrita como

"a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos ... mais longos que seu talhe de palmeira. O povo de jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem ..." (cap. II). " - A filha de Araquém é mais forte que o chefe dos guerreiros ... e vibrou o arco. O chefe cerrou ainda o punho do formidável tacape; mas pela vez primeira sentiu que pesava ao braço robusto." (cap. VII).

Não vemos necessidade de apresentar o mundo idealizado da natureza, tão valorizado por Alencar, que se demonstrou um grande conhecedor da flora e da fauna brasileiras. Apenas queremos destacar a passagem do capítulo XIX: "Poti levou o cristão aonde crescia um frondoso jatobá, que afrontava as árvores do mais alto píncaro da serrania, e quando batido pela rajada, parecia varrer o céu com a imensa copa."

Illogismo

A apresentação de fatos e coisas impossíveis, sem lógica, caracterizam as obras de José de Alencar, no intuito de engrandecer, idealizar.

Em Iracema há muitas descrições e fatos que não retratavam a realidade, que não se encaixavam. A descrição do jatobá, na característica anterior, é um exemplo. No

capítulo XVIII há a seguinte passagem: "Os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres de seus irmãos; e longe o bando dos guerreiros tabajaras que fugia em nuvem negra de pó. Aquele sangue que umedecia a terra, era o mesmo sangue brioso que lhe ardia a face de vergonha." Não é possível imaginar a "nuvem negra de pó" no meio de uma floresta, por exemplo.

Nacionalismo

Essa característica foi abundantemente expressa, principalmente pelos prosadores brasileiros que exaltavam a nova, rica, pujante, encantadora ... terra. Além dos índios que é uma das facetas do nosso nacionalismo, o mundo da flora e da fauna brasileiras encantavam, razão pela qual esse livro aborda essa natureza tantas vezes.

A ará ou jandaia, as plantas, as areias, os montes são os encantos e tão diferentes das paisagens seculares, ou milenares, do continente europeu.

Os rios de água cristalina, os lagos que banhavam a beleza corporal de Iracema, o mel silvestre que restabelecia a força dos guerreiros nativos, os próprios filhotes da irara que contribuíram para a alimentação de Moacir (cap.XXXI), são exemplos da grandeza da nação, são motivos de orgulho de Alencar, um dos maiores batalhadores e divulgadores do nosso Brasil.

Liberdade criativa e formal.

Pelo fato de o autor criar uma lenda (Lenda do Ceará), já é um motivo mais do que suficiente para enfatizar que a história, aparentemente verdadeira, é fruto de uma idealização existente apenas na mente criativa desse autor.

A linguagem usada no romance, não poderia ser tão liberal como pregavam os preceitos românticos, pois Alencar não quis escrever mais uma obra romântica, mas sim, como foi dito, a Lenda do Ceará, a origem de uma raça (Moacir). Portanto, uma obra poética que servisse de alicerce para a nova nação. Logicamente, não poderia empregar uma linguagem que fugisse muito dos padrões normativos. Os poucos deslizos são compensados pelas estupendas comparações, pela abundância de metáforas, pelas inumeráveis prosopopéias que encantam ainda hoje os apreciadores de uma linguagem literária, conotativa.

Para que o leitor deste trabalho não fique totalmente alheio, apresentaremos, a seguir, algumas comparações, metáforas e prosopopéias:

Comparações:

**"A boca do guerreiro pousou na boca mimosa da virgem.
Ficaram ambos assim unidos como dois frutos gêmeos
do araçá, que saíram do seio da mesma flor."(Cap. IX)**

**"Se cantam as aves, seu ouvido não gosta já de escutar o
canto mavioso da graúna, mas tua alma se abre para o
grito do japim, porque ele tem as penas douradas como**

os cabelos daquela que tu amas!" (Cap. XXVIII).

"A juriti, ... bate as asas, e voa a conchegar-se ao t3pido ninho. Assim a virgem do sert3o, aninhou-se nos bra3os do guerreiro!" (Cap. XV).

Met3foras:

"- A tarde 3 a tristeza do sol."(Cap. IX)

**"Iracema 3 a folha escura que faz sombra em tua alma."
(Cap. XXVIII)**

" Iracema 3 a rola que o ca3ador tirou do ninho." (Cap. XXXI)

"A luz brilhante do sol empalideceu a virgem do c3u ..." (Cap. XVI)

Prosopop3ias:

"Continuaram a caminhar, e com eles caminhava a noite; as estrelas desmaiaram, e a frescura da alvorada alegrou a floresta." (Cap. XVI)

"A vergonha mordeu o cora3o de Martim."(Cap. XVII)

"Quanto mais seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna e pesado. Tem medo e sente que sua alma vai sofrer, quando os olhos tristes e magoados da esposa entrarem nela." (Cap. XXXII)

Conclus3o

Temos certeza que se algu3m procurar qualquer outra caracter3stica menos importante do Romantismo, encontr3-la-3 neste livro de Jos3 de Alencar. Nosso objetivo, embora limitado a poucas passagens exemplificativas, esperamos ter sido atingido e, talvez, desperte a curiosidade ou a reeleitura da obra para, realmente, reconhecermos nela o valor e a preocupa3o do romancista em caracterizar a literatura da 3poca e reconhecermos nela o 3p3rito patri3tico.